



Bolsas		Pontuação B3				Dólar		Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na quarta-feira		IBovespa nos últimos dias				Na quarta-feira		Últimos	Comercial, venda na quarta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
1,24%	São Paulo	189.307	185.366			R\$ 5,218		R\$ 1.621	R\$ 6,075	14,90%	14,70%	Setembro/2025 0,48
0,49%	Nova York	27/2	2/3	3/3	4/3	(- 0,89%)	26/fevereiro 5,138	27/fevereiro 5,134				Outubro/2025 0,09
							2/março 5,165	3/março 5,265				Novembro/2025 0,18
												Dezembro/2025 0,33
												Janeiro/2026 0,33



Crise deve pesar no bolso do brasileiro

Ainda este mês, segundo especialistas, a alta do petróleo e do frete pode refletir em combustíveis, alimentos e alguns produtos

» RAFAELA GONÇALVES

O conflito entre Estados Unidos, Israel e Irã já eleva o preço do petróleo e pode refletir nos custos ao consumidor no Brasil ainda em março, segundo especialistas. O sinal de alerta acompanha a divulgação do Produto Interno Bruto (PIB) de 2025, que cresceu 2,3%, mostrando desaceleração em relação aos anos anteriores.

Segundo o economista Rodolpho Tobler, do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV/Ibre) e do Movimento Brasil Competitivo (MBC), o principal risco imediato é a alta no preço do petróleo, motivada por possíveis restrições no fluxo pelo Estreito de Ormuz, rota estratégica para o abastecimento global.

O Irã afirma que a área está sob seu total controle, enquanto os Estados Unidos garantem que o estreito não está fechado. “Se de fato a gente começar a ter esse fechamento do escoamento de petróleo, isso pode chegar em dias aqui. Eu diria que ainda no mês de março a gente pode sentir, especialmente se o barril começar a se aproximar de US\$ 120”, afirma.

O economista explica que o efeito ocorre em cadeia. “O preço do petróleo sobe, o preço do combustível sobe e isso pode se espalhar para a economia do Brasil”, destaca, ao afirmar que o impacto vai além da gasolina.

A alta do diesel encarece o transporte rodoviário, principal modal logístico do país, pressionando alimentos, produtos industrializados, compras on-line e insumos agrícolas. “É o frete que fica mais caro. E qualquer bem que necessite de transporte acaba ficando mais caro.

Divulgação/Transpetro



A elevação do preço do petróleo, que entra e sai do país pelo mar, afeta a gasolina e o diesel, usado no frete de mercadorias pelo transporte rodoviário

A gente está falando de alimentação, escoamento de safra, produtos do dia a dia”, acrescentou Tobler.

Embora o Brasil seja uma economia relativamente menos integrada ao comércio internacional do que países desenvolvidos, isso não significa blindagem. “Como o Brasil também é uma economia mais fechada, a gente não tem impacto tão rápido no primeiro momento. Mas se o conflito persistir e o preço do petróleo continuar subindo, isso acaba chegando aqui”, explicou o economista.

Custo logístico

O impacto externo se soma a uma base já onerosa. Segundo o estudo *Custo Brasil*, elaborado pelo Movimento Brasil Competitivo em parceria com o Governo Federal e com apoio técnico da FGV, os entraves estruturais chegam ao valor de R\$ 1,7 trilhão por ano.

Entre os principais componentes desse custo estão o custo logístico adicional, de R\$ 226,4 bilhões anuais, o custo extra de financiamento, de R\$ 113,8 bilhões,

o risco-país, de R\$ 128,4 bilhões, e também a complexidade tributária, de R\$ 67,2 bilhões. “A gente já tem um custo logístico muito alto. Então qualquer aumento adicional acaba sendo um fator negativo pra gente”, avaliou Tobler.

O economista pondera que o conflito ocorre em um momento em que havia expectativa de redução gradual da taxa de juros ao longo do ano. “A gente estava num momento em que tinha expectativa de reduzir juros e melhorar o ambiente de negócio. Com toda essa turbulência

global, é possível que o Banco Central fique um pouco mais cauteloso.”

Caso a inflação volte a pressionar, a queda dos juros pode ser adiada. “Se a gente continuar tendo juros mais altos por mais tempo, isso acaba sendo um freio para a economia”, alertou.

Ritmo de crescimento

O PIB brasileiro cresceu 2,3% em 2025, segundo o IBGE. Para 2026, a expectativa era de crescimento próximo de 2%. A combinação de

“É o frete que fica mais caro. E qualquer bem que necessite de transporte acaba ficando mais caro. A gente está falando de alimentação, escoamento de safra, produtos do dia a dia”

Rodolpho Tobler, economista do FGV/Ibre

petróleo elevado, dólar mais forte e juros altos pode reduzir esse ritmo. “Se vier um dólar mais forte, juros mais altos por mais tempo e inflação incomodando, isso acaba tendo um efeito negativo pro PIB do país”, explicou Tobler.

O especialista em direito tributário e diretor da Mix Fiscal, Fabrício Tonegutti, afirma que ainda é possível que este cenário melhore. “Tudo depende da evolução do conflito. Se a tensão diminuir, o preço do petróleo pode recuar. Mas se o risco continuar nessa região estratégica, alguns analistas já falam na possibilidade de o barril chegar perto de 100 dólares.”

“O Oriente Médio pode parecer distante no mapa, mas quando a crise envolve petróleo, ela acaba chegando aqui na forma de combustível mais caro, frete mais caro e pressão nos preços do dia a dia”, destaca Tonegutti.

Mercado reage à pressão da guerra

» PEDRO JOSÉ*

O dólar comercial voltou a cair, ontem, em relação ao real, um dia após interromper o ciclo de baixa. No fechamento do câmbio, a moeda norte-americana era negociada a R\$ 5,218 para venda, com recuo de 0,89% em relação ao pregão anterior.

O Ibovespa, por sua vez, avançava 1,23%, aos 185.366 pontos, no fechamento do pregão, após ter fechado a sessão anterior com queda de 3,28%, aos 183.104,87 pontos.

Segundo Bruno Shahini, especialista em investimentos da Nomad, o pregão foi de ajuste após a volatilidade anterior. “O dia foi marcado por um movimento de acomodação nos mercados após o estresse observado no pregão anterior. A estabilização dos preços do petróleo, depois da forte alta provocada pela escalada das tensões no Oriente Médio, ajudou a aliviar parte da pressão sobre o dólar”, afirmou.

“Investidores passaram a devolver prêmios incorporados na divisa

americana em um dia típico de ajuste técnico após movimentos de alta recente. O dólar também perdeu força frente a pares relevantes e moedas emergentes ligadas a commodities”, disse.

Shahini acrescentou que fatores geopolíticos influenciaram o movimento. “A percepção de que os EUA podem garantir o fluxo de petróleo pelo Estreito de Ormuz contribuiu para reduzir parcialmente o prêmio de risco geopolítico, diminuindo a demanda defensiva pela moeda americana”, declarou.

Sobre o mercado acionário, o economista aposentado do Banco Central Newton Marques destacou a influência do câmbio. “O Ibovespa tem oscilado por conta até mesmo da volatilidade do câmbio. Os investidores estrangeiros ajudam bastante nessa oscilação. É uma gangorra. Sobe bolsa, cai o dólar. Cai a bolsa, sobe o dólar”, afirmou.

Marques também apontou o impacto do cenário externo sobre a política monetária nacional. “A decisão do Copom é um mistério. Espera-se que reduza a taxa

MIGUEL SCHINCARIOL



Um dia após cair 3,28%, o Ibovespa recuperou o fôlego, e subiu 1,23%, ontem. O dólar voltou a cair, cotado a R\$ 5,21

Selic porque a inflação dá sinais de controle, mas com essa guerra temos outras variáveis a considerar. Essa guerra é de curta ou longa duração?”, questionou.

O professor de economia internacional da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Masimo Della Justina, avaliou que o conflito pode se prolongar. “Tecnicamente deveria ter ocorrido a queda do regime nos três primeiros dias da invasão; possivelmente a guerra se

aprofunda, se alastra e se torna mais complexa”, afirmou.

Ele mencionou tensões regionais dentro do país. “A região de Kurasao, no leste, e dos curdos, mais ao oeste, não são muito favoráveis ao atual regime e poderiam ser armadas pelos invasores para instigar uma guerra civil. Contudo, há que se ver a resiliência militar que o regime ainda tem”, disse.

No mercado internacional de commodities, o petróleo registrou pouca variação, mesmo após novos

ataques promovidos por Estados Unidos e Israel contra o Irã. A escalada do conflito interrompeu pelo quinto dia seguido o tráfego marítimo no Estreito de Ormuz, rota estratégica para o escoamento de petróleo e gás no Oriente Médio.

O contrato do Brent apresentou ligeira queda de 0,62%, cotado a US\$ 82,57 por barril. O equilíbrio dos preços ocorreu após o presidente dos EUA, Donald Trump, afirmar que vai garantir segurança financeira de todo o comércio

* Estagiário sob a supervisão de Edla Lula